

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT08.006

PARA UMA LEITURA CRÍTICA DO MEME NO CONTEXTO DE INTERNET

Andréa de Moraes Costa Buhler¹Maria Clara de Freitas Pereira²

RESUMO

A educação atual evidencia que o contexto das novas mídias emerge com uma necessidade de letramento. Dessa forma, a BNCC orienta-se por propostas que incluem o letramento digital na prática de leitura no ensino da língua. Faz-se necessário, portanto, ir além da centralidade do texto escrito, uma vez que a prática do letramento da imagem traz novas semioses, as quais incluem o estudo da natureza do meio (McLuhan). A proposta deste capítulo é pensar a categoria do meme político como linguagem e, portanto, como forma de pensamento e cultura operado pela internet, no sentido em que a replicação e a reprodução das informações se baseiam na criação e/ou afirmação de crenças de um grupo. Nesse percurso, o conceito de dialogismo (Bakhtin) apresenta-se como método crítico capaz de superar a abordagem mecânica da tecnologia digital. Ao lado desse método, para o corpus da linguagem discursiva dos memes da ultradireita selecionados, utilizaremos a análise sociodiscursiva de Charaudeau, em que o imaginário torna emergentes as representações sociais do discurso político. Por meio da Análise do Discurso das formas verbo-visuais, investiga-se a cultura digital, os marcados-

1 Professora Doutora do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba - PB, andrea1967@servidor.uepb.edu.br;

2 Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande - PB, claradefreitas03@gmail.com.

res ideológicos do discurso populista da extrema direita e os filtros axiológicos de um imaginário tradicional amparado na sequência mítica salvador-povo-inimigo. Reflete-se como o método crítico da análise do discurso apresenta potencialidades para a prática de letramento digital na escola. A hipótese é a de que a replicação viral de ideias, brincadeiras, paródias, hashtags ou comportamentos faz do meme uma forma discursiva utilizada para entender o mundo, criar e justificar valores. O letramento deve ir além do domínio técnico, questionando o ambiente digital, o poder de persuasão e a influência dos comportamentos, alinhando-se, dessa forma, ao protagonismo do processo ensino-aprendizagem propugnado pelo BNCC.

Palavras-chave: Meme, Ensino, Tecnologia, Discurso político.

INTRODUÇÃO

O biólogo britânico Richard Dawkins, em seu livro *O gene egoísta* (2007), ao considerar que a cultura evolui, cunhou a palavra meme, da abreviação do grego mimena, que significa imitação. O meme, para o teórico, aparece como um replicador semelhante ao gene, o qual permite a transmissão cultural de produtos e comportamentos. O meme, para Dawkins, desempenharia a função do gene egoísta, cujo objetivo é a conservação da hereditariedade e a perpetuação. O etólogo estabeleceu essa analogia pressupondo que a cultura segue a lógica do processo de seleção natural semelhante ao gene na natureza. Trata-se de uma unidade de imitação, a qual o termo curto meme guarda relação com a memória e se prolifera como ideia, comportamento, moda, slogan etc. Assim, como o gene é criado para projetar-se, o meme também se constitui como uma unidade replicadora, que busca alcançar perpetuação.

A respeito do gene, a qualidade que o sustenta não seria bem uma propensão para o altruísmo, ou a noção de que os seres vivos evoluem “pelo bem da espécie”, pois “a unidade fundamental da seleção, e, portanto, do interesse próprio, não é a espécie, nem o grupo e, tampouco, num sentido estrito, o indivíduo, e sim o gene, a unidade da hereditariedade” (Dawkins, 2007, p. 52). Entretanto, para entender a evolução do homem moderno, Dawkins percebe que as vantagens biológicas também podem comparecer no devir da cultura como transmissão de uma unidade de imitação. Trata-se de um novo replicador que cresceria no caldo da cultura humana. A hipótese postulada por Dawkins é a de que a informação transmitida saltaria de cérebro em cérebro num processo de imitação, o que sugere uma certa passividade dos sujeitos, uma vez que se enfatiza apenas os fenômenos mentais, como se os meios das práticas comunicativas não fossem determinantes. Sem dúvida, os aportes etimológicos de Dawkins são interessantes para uma primeira reflexão, entretanto a nossa análise enfatiza menos a mera replicação buscando evidenciar o processo comunicativo que o mundo on-line inaugura.

METODOLOGIA

Assim, neste estudo, partimos da compreensão do meme como signo linguístico em ambiente digital político. A metodologia baseia-se no paradigma qualitativo e tem um caráter bibliográfico, cuja teoria e conjunto de estudiosos da área, por exemplo, McLuhan (1974), Bakhtin (2020), Cesarino (2020, 2022) e Charaudeau (2016), dão suporte e credibilidade às ideias expostas. A nossa reflexão inicial objetiva escrutinar o meme como linguagem no ambiente da internet, já que ele se apresenta como uma prática de comunicação utilizada pelos usuários para dar sentido às suas opiniões e imaginários simbólicos num processo contínuo de mediação e ressignificação. Num segundo momento, estabeleceremos uma reflexão entre a BNCC (Base Nacional Comum Curricular, 2018), o processo de ensino/aprendizagem e o problema da digitalização da rede escolar. Na terceira parte de nossa discussão, analisaremos quatro memes da campanha política da extrema direita no ano eleitoral de 2022. O nosso recorte específico empreende uma análise destes memes a partir da ideologia do populismo político da ultradireita. Para essa abordagem, utilizaremos o conceito de gênero e do dialogismo de Bakhtin, o qual nos permitirá identificar nas imagens miméticas selecionadas as ressonâncias discursivas do imaginário-mítico religioso para mobilizar e persuadir a opinião coletiva. Utilizaremos o método discursivo de Patrick Charaudeau para esclarecer especificamente a mecânica do discurso político, seu aspecto cenográfico, identificando o imaginário discursivo da extrema direita e o tipo de contrato de comunicação com a opinião pública.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A CULTURA DIGITAL E O MEME: O EFEITO GLOBAL DA RÉPLICA

Parte-se inicialmente da noção de que o meme representa:

[...] todo o conhecimento adquirido por réplica, tudo aquilo observado e imitado é considerado meme, como os hábitos, os valores, os padrões estéticos e qualquer produto cultural difundido. Uma vez copiado, o *meme ajuda na implantação de crenças e valores, ganhando mais força a cada novo hospedeiro e garantindo sua autenticidade por meio da familiaridade* (Moraes, Mendes e Lucarelli, grifo nosso, 2011, p. 5-6).

A força da replicação do meme no ambiente cibernético não pode, portanto, ser entendido como cartum, charge ou piada, mas sim como gênero discursivo cuja peculiaridade é reforçar coletivos, neste caso crenças e valores, por meio do humor ou de alguma outra emoção. O efeito disso pressupõe uma situação comunicativa entre interlocutores em que se combina, se relaciona um texto-fonte a outros contextos em sobreposições imagéticas sempre historicamente situadas. Tudo isso se faz através do meio digital que permite uma comunicação veloz e de grande alcance. É assim que o “meio”, nos termos de McLuhan, é compreendido como extensão tecnológica do homem, por meio da qual um sistema organizado gera padrões cognitivos e perceptuais específicos. Entende-se, portanto, que o meio técnico está imerso num contínuo sensório como extensão do homem. Nessa trilha, o aforismo célebre de McLuhan (1974) de que o “meio é a mensagem” remete à ideia de que a era eletrônica cria um ambiente totalmente novo de alcance global. Isso significa que os meios alavancam efeitos controlando e configurando formas de ação e associações humanas ao lado dos conteúdos transmitidos. O autor canadense viu com clareza o impacto das transformações tecnológicas recriando a noção de espaço e habitat no conceito de “aldeia global”. Nessa conjuntura, a mensagem é formatada por um meio que a supera, pois traz:

[...] a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas. A estrada de ferro não introduziu movimento, transporte, roda ou caminhos na sociedade humana, mas acelerou e ampliou a escala das funções humanas anteriores, criando tipos de cidades, de trabalho e de lazer totalmente novos (McLuhan, 1974, p. 22).

Numa relação de aproximação, a linguagem em rede da internet, entenda-se meio, precisa ser compreendida como extensão tecnológica, cujo efeito, a exemplo da performance recitatória grega (McLuhan, 1974), pode funcionar como instrumento poderoso “mnemotécnico”, capaz de impactar o poder e moldar cultura. Para Castells (1999), a era da internet é a maior invenção tecnológica dos últimos tempos em função de seu alcance. As transformações advindas da tecnologia na sociedade, marcadas pela complexidade econômica e cultural, faz com que a tecnologia seja a própria sociedade, e esta, por conseguinte, só pode ser entendida pelas suas ferramentas tecnológicas. Ou seja, trata-se de uma sociedade em rede que promove interações numa velocidade de compressão do espaço-tempo. De acordo com Castells (1999), o termo “rede” conecta-se a uma morfologia social da sociedade, cujo conceito de redes se liga à modificação de processos produtivos e de experiência, impactando nas estruturas de poder e da cultura. As formas de sociabilidade em ambiente virtual reproduzem-se à medida que a internet expande a sua capacidade de alcance, impactando diretamente no desenvolvimento de novas formas de comunicação em massa, como blogs, podcasts e outras plataformas, como o Twitter, Facebook, Instagram e YouTube.

Numa aproximação do que chamamos hipertexto, a cultura digital é marcada pela remixagem em que a ideia do original é constantemente transformada e compartilhada. Trata-se de um ambiente online marcado por temporalidade rápida das práticas informacionais, as quais tornam o usuário a um só tempo produtor, consumidor e disseminador. A cultura digital é compreendida por Martins (2018, p. 54) como: “Um conjunto de práticas sociais que acontecem de forma singular no espaço social digital”. E este se diferencia de todos os outros suportes tecnológicos por “sua capacidade singular de manipulação simbólica automática” (p.55). Ou seja, para Martins, tratam-se de práticas informacionais que moldam, combinam e recombina elementos no ambiente digital, criando mapas de navegação por meio de objetos interligados em hipertextos, o que gera a cultura do hiperlink. Para o autor, de modo geral, a cultura digital carac-

teriza-se por: práticas comunicacionais que promovem a circulação de conteúdos entre os diversos pontos da rede, trazendo novas dinâmicas imediatas às conversas e formando a cultura da mensagem instantânea; práticas relacionais que estabelecem interações sociais típicas do meio virtual, utilizando as linhas do tempo das redes sociais como um dos principais instrumentos de observação, caracterizando a cultura da *timeline*; e, por fim, práticas curatoriais que, de maneira consciente ou não, realizam a filtragem do conteúdo que chega ao usuário, configurando a cultura do algoritmo. Esse é o resultado de um processamento simbólico que opera e transforma ondas elétricas em sinais binários, concebidos por 0s e 1s, os quais repetem blocos de cálculo em uma velocidade de alta quantidade, superando a cognição humana. Tem-se aqui, portanto, não apenas um ambiente digital operado por uma máquina neutra:

[...] a informação se constitui deste encontro entre os sinais do mundo e a lente da intencionalidade, seja ela consciente ou não, daquele que olha. Tem-se aqui todo um conjunto de práticas sociais que podem, então, ser compreendidas: são elas as práticas de moldar, dar forma à matéria do digital e mixar e remixar os elementos simbólicos à luz de sua capacidade automática de processamento. (Martins, 2018, p. 55 e 56)

As relações de hiperlink decorrem dessa alta capacidade do algoritmo em conectar diferentes objetos, criando verdadeiros mapas de navegação associativos criados pela sofisticação da web, cujo objetivo é fazer circular essas formas comunicacionais pela manipulação simbólica. Nesse universo digital, a temporalidade da interação, produzindo novas dinâmicas de conversação, permite o surgimento de novas práticas relacionais, a exemplo de criações de grupos e mídias sociais. Nesse ambiente simbólico de compartilhamento, expressões como “curtir” ou “descurtir” revestem-se de novas dimensões sociais que aceleram o surgimento de nova práxis social. É assim que os aplicativos descobrem o que mais se gosta por meio de pontuações, estrelas, hashtags e sobre rastros de dados, criando, dessa forma, uma verdadeira cultura do algoritmo como uma peculiaridade da socialização contemporânea. Daí o destaque para o termo competência

digital em nossa sociedade contemporânea. Em que medida a competência no uso dos artefatos tecnológicos desvincula-se de uma apreensão crítica da informação? Assim, qual seria, então, o papel da educação no Brasil tendo em vista a emergência da cultura digital?

LETRAMENTO DIGITAL E MEME: FALTA ABORDAGEM POLÍTICA NOS DOCUMENTOS DA EDUCAÇÃO?

As transformações sociais provocadas pela ascensão das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) ensejam o desenvolvimento de uma sociedade conectada. Dessa forma, as instituições de ensino foram orientadas para o amplo uso das ferramentas online e, assim, os livros didáticos de língua portuguesa cada vez mais comparecem com abordagens pedagógicas para o desenvolvimento do letramento digital. A necessidade premente de dominar as tecnologias, a compressão tempo-espacial de nossa era contemporânea – ensejando velocidade, superficialidade e economia da atenção –, tem suscitado, nos materiais didáticos, propostas pedagógicas de apropriação de objetos de entretenimento da temporalidade cotidiana, a exemplo do meme.

Sem dúvida, quando falamos do gênero digital meme, os traços de exploração do humor ganham lugar de destaque nas abordagens didático-pedagógicas. A tipologia do meme a partir dos efeitos do humor aparece sinalizada pela pedagogia dos multiletramentos e pela espetacularização da sala de aula (Lara, 2018), já que elementos como música, dança e teatro são mobilizados para ganhar a atenção do aluno. São recursos que, como regram os documentos oficiais da educação básica, são potencializadores da intertextualidade capazes de fomentar o desenvolvimento das competências leitoras. Nesse sentido, temas sociais controvertidos com intencionalidade ao riso, à crítica, à ideologia, ao sarcasmo, dentre outras funcionalidades compõem estruturalmente o meme por meio do recurso linguístico do jogo da duplicidade. É pertinente lembrar que o humor também cria uma zona cinzenta entre o problemático e o aceitável, uma

vez que transgride a moderação e enseja bolhas virtuais de escárnio e ódio, que são instrumentalizadas politicamente.

A memética é um gênero discursivo que produz humor ligado principalmente à efemeridade de algum tema do cotidiano (Lara, 2018). Todo enunciado dirige-se a um destinatário. O meme, nesse sentido, liga-se a uma pequena temporalidade sob a qual o grupo receptor-responsivo adere e ressignifica-o. A valorização da instantaneidade, do compartilhamento e a ausência do conceito de autoria permitem que esses gêneros parodiem, satirizem ou critiquem sujeitos e grupos sociais, acontecimento histórico e político dentro de uma certa liberdade e inventividade efêmera. Embora o meme possa parecer um elemento trivial e de brincadeira, há várias camadas estruturais, sociais e psicológicas que podem ser mobilizadas para produzir situações de aprendizagem (Oliveira, Porto, Santos, 2022). O nosso estudo visa ressaltar o questionamento sobre o letramento digital, especificamente o recurso do meme, dentro do processo de formação cidadã que os documentos da educação evocam.

Nesse aspecto, o nosso questionamento precípua toma como referência os últimos acontecimentos de forte ataque ao Estado Democrático de Direito e à ciência, os quais foram disseminados pelas plataformas digitais e alavancadas pelo fenômeno da desinformação. O fluxo contínuo de notícias falsas culminou no questionamento do resultado das eleições no ano de 2022, na conclamação da volta ao regime militar e nos atos golpistas do dia 8 de janeiro, marcados pela depredação ao patrimônio público. Embora as plataformas promovam uma ampliação de participação na interação política em função do engajamento do usuário, a desinformação aparece motivada por uma lógica econômica e política, que rivaliza com fontes jornalísticas e científicas fidedignas e consolidadas. A desinformação sempre se apresenta avessa à reflexão do discurso racional. Trata-se, portanto, de um problema político que deve ser perspectivado no âmbito da discussão da cidadania plena.

A hipótese é de que o conceito de formação cidadã, mobilizado pelas leis que regulamentam a educação no Brasil, é lacunar e quase sempre ligado

a uma normativa de competências a serem desenvolvidas. Sem dúvida há um esforço em todos os documentos de educação com apresentar o fenômeno da linguagem em seus aspectos dialógicos, nos termos abordados por Bakhtin. Entretanto, identifica-se nas competências propostas uma lacuna em termos de aprofundamento da materialidade discursiva da linguagem enquanto posição ideológica e política. A ênfase recai no repertório diversificado da linguagem (diferentes semioses) sem implicação dos mecanismos ideológicos. No caso, falta espaço para questões de cunho político na Educação Básica? Palma Filho (1998) nota, por exemplo, que as definições de cidadania usadas pelos documentos oficiais (LDB, PCNs, BNCC) são genéricas. O BNCC é inclusive apontado como reflexo de interesses neoliberais e incapaz de desenvolver plenamente as atribuições de cidadão.

De muitos conceitos encontrados no BNCC (2018), chamam atenção os termos competência e habilidade referentes ao processo de ensino-aprendizagem. A normativa elenca, por exemplo, dez competências essenciais para se trabalhar na Educação Básica, as quais recebem críticas por estarem vinculadas às demandas do mercado, do setor privado e do capitalismo. Nessa conjuntura, identifica-se um percurso de cunho progressista, tecnicista e utilitarista que “ao contrário de ser um caminho para a superação do problema, isto é, um caminho para uma formação plena dos indivíduos, é instrumento ideológico da classe dominante para esvaziar a educação escolar destinada à maioria da população [...]” (Duarte, 2006, p. 8). Propor atividades discursivas mais concretas que vinculem o aprofundamento dos mecanismos ideológicos com o processo histórico-político é fundamental para que o aluno forme um posicionamento crítico. Trazendo a análise para a área de linguagem e suas tecnologias no Ensino Médio, identifica-se na BNCC a preocupação com o desenvolvimento de habilidades com as práticas de cultura digital: “Nessa perspectiva, para além da cultura do impresso (ou da palavra escrita), que deve continuar tendo centralidade na educação escolar, é preciso considerar a cultura digital, os multiletramentos e os novos letramentos” (Brasil, 2018, p. 487). No que diz respeito ao processo de produção, circulação e recepção da informação, destacam-se

as competências de curadoria da informação (EM13LP11), produção de texto a partir de fontes pesquisadas e referenciadas (EM13LP12), efeitos de sentido de imagens e sua relação com o verbal a partir de referências contextuais, estéticas e culturais (EM13LP14).

Nas práticas de linguagem, a cidadania aparece ligada ao campo de atuação da vida pública e constitui a décima competência na BNCC. Não raro, dada a forma escolar de reger-se por modelo padrão e massificado de conhecimento, o pensamento especulativo, afinado à construção de argumentação crítica, aparece desestimulado. Assim, contra a suposta neutralidade de debater no Ensino Básico temas como a política, colocamos o problema da digitalização e do populismo político dentro de uma perspectiva crítica para o fortalecimento da cidadania na escola. Sem essa proposta de experiência formativa, assiste-se rapidamente aos estudantes capturados por bolhas virtuais dos “influenciadores digitais” convertidos, assim, em cidadãos zumbis. Nesse sentido, a nossa proposta investe sobre a responsabilidade da digitalização na rede escolar, de modo a valorizar a amplitude e a complexidade de uma educação de cidadania que desenvolva o engajamento responsável do estudante no processo político de seu país e de sua cidade. A política dos memes, enraizada em matizes ideológicas, constrói uma lógica de identidade e pertencimento de grupo, em torno do qual a legenda do “bem comum” é apropriada de forma manipulatória. Nesta crise da verdade em que se insere e se constitui a cultura digital com suas disputas narrativas, como falar de ciência, cidadania e autonomia na escola? O caminho, sem dúvida, é a prática dialógica para pensar os vários fios de poder que se escondem nos atos de informar, reportar e reproduzir.

A DIGITALIZAÇÃO DA POLÍTICA

O fenômeno da replicação é um dos mecanismos principais da infraestrutura das plataformizações. Letícia Cesarino, em seu livro *O mundo do avesso* (2022) – apoiando-se no conceito de cibernética e cismogênese (1),

do linguista e antropólogo britânico Gregory Bateson –, investiga a dimensão técnica da infraestrutura da nova mídia, a Web 2.0. A autora evidencia que as novas mídias introduzem uma infraestrutura capaz de acelerar processos sociotécnicos provocando uma espécie de temporalidade disruptiva de desestabilização e nova forma de reintermediação, o que, em larga medida, acaba excluindo os indivíduos do controle cognitivo desses processos. Essa nova reorganização seria orientada para produzir “zonas de opacidade” entre usuários e os algoritmos, entre os desenvolvedores e financiadores do setor *tech* e a dinâmica interna do algoritmo direcionada para melhor servir o cidadão. Letícia Cesarino explica:

Sob o prisma cibernético, portanto, o principal efeito político das novas mídias não diz respeito à conjuntura: às forças políticas particulares que, em determinado momento, são beneficiadas por elas. Remete, antes, a toda uma tecnopolítica, ou ao modo como essas mídias vêm transformando estruturalmente a esfera pública (2022, p. 85).

Cesarino desenvolve sua análise a partir das complexas relações midiáticas que polarizaram o cenário político e social brasileiro nas novas plataformas e reflete como isso impacta as estruturas sociais. A autora enfatiza os embates alavancados pelo processo eleitoral no Brasil e como os eleitores que apoiavam a direita construam suas narrativas e ganhavam destaque nas plataformas digitais. A utilização da tecnopolítica possibilitou a ascensão do populismo digital da direita mobilizando massas e movimentos populares por meio de uma prática comunicativa baseada em Fake News, no sentido amplo do termo: notícias falsas, teoria da conspiração, material calunioso contra grupos ou pessoas, enunciado distorcido e fora do contexto. O ambiente digital, segundo a autora, tornava-se palanque político, construção de narrativas populistas que alcançavam grande projeção. No caso brasileiro:

[...] a chave cibernética chamou atenção para outras dimensões da dinâmica populista: presença de uma ameaça existencial iminente, deslegitimação de estruturas de produção de verdade preexistentes (imprensa, academia) para isolar os seguidores em públicos fechados, em uma relação de mimese

inversa, onde o inimigo aparece como espelho invertido da identidade líder-povo (Cesarino, 2022, p. 149).

Trata-se de um ecossistema, enfatiza a autora, pouco dialógica, pois isola parte do público do contato com o diferente e o contraditório com vistas a construir um canal exclusivo entre o líder, seus mediadores (influenciadores e coletivos, mas também bots) e o público. Esse aparato midiático digital, excluindo as formas tradicionais de informação, promove uma unidirecionalidade de padrões discursivos recorrentes. No artigo *Como vencer uma eleição sem sair de casa* (2020), Leticia Cesarino, por uma análise memética, identifica cinco funções metalinguísticas de conteúdos digitais que foram aceitos e replicados massivamente pelos seguidores da extrema direita: “i. fronteira antagonística amigo-inimigo; ii. equivalência líder-povo; iii. mobilização permanente através de ameaça e crise; iv. espelhamento do inimigo e inversão de acusações; e v. produção de um canal midiático exclusivo” (2020, p. 97). São padrões recorrentes que se associam às teorias do populismo político, sob as quais as táticas discursivas recaem destacadamente no eixo antagonista líder-povo/ inimigo-traidores. Por meio de apelos emotivos e morais, o líder mobiliza o povo utilizando conexões binárias simplórias tanto do aspecto positivo (ordem, justiça, luta para mudança, esperança) quanto negativo (ódio ao inimigo, revolta, decepção, ameaça). Nesse ponto, o carisma do líder assume relevância normalmente associado ao culto da personalidade.

No cenário eleitoral brasileiro, a figura do líder da extrema direita, circulada e replicada pelos seguidores, aparece na memética da campanha populista sob o invólucro mítico das forças do bem contra o mal. O discurso populista (Cesarino, 2020, p. 93) é aquele que estabelece uma cadeia de equivalências flutuantes e simplórias capaz de apagar as diferenças e particularidades “em favor da mobilização de símbolos e palavras de ordem capazes de ligar todos a um líder”. Daí o caráter simplificador, vazio e emotivo da liderança carismática. Deriva daí uma linguagem memética discursiva, cuja performance visual apresenta um líder investido de forças espirituais, os quais equivalem a valores como honra, ordem, virtude, coragem.

A LINGUAGEM MEMÉTICA BOLSONARISTA: ANÁLISE DE DISCURSO

Na teoria bakhtiniana, o dialogismo é a característica fundamental da linguagem. A interação verbal é constitutiva da comunicação humana e realiza-se por meio de enunciados.

É dentro desse espectro dinâmico da vida em comunicação dialógica que o gênero do discurso é enfatizado a partir de uma especificidade de uma esfera da comunicação: “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera da utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (Bakhtin, 2000, p. 279). Essas formas de discursos são infinitas na medida em que as esferas da atividade humana se complexificam. Ou seja, cada época e cada grupo social comporta um repertório de gêneros de discurso na comunicação socioideológica. Bakhtin destaca os elementos indissociáveis no todo do enunciado: o tema, o estilo e as unidades composicionais, que se expressam pela especificidade da uma esfera de comunicação situada cultural e historicamente.

Vejam aqui como a teoria bakhtiniana nos auxilia na compreensão do gênero discursivo memético na esfera temática da comunicação política. Os memes na cultura digital são os novos gêneros que advém da compressão tempo e espaço da era cibernética. A imagem, por sua característica de temporalidade instantânea, assume o protagonismo na cadeia discursiva do ambiente digital. A hibridização de matizes semióticas (verbal, visual, sonoro etc) encontra-se nos enunciados nas redes sociais, e sua forma composicional mais comum é a imbricação da linguagem verbal e da imagética num trabalho que exalta a característica multisemiótica da linguagem. Nesse contexto, os memes, por sua liquidez discursiva, destacam-se, ganhando bastante espaço, já que a sua forma composicional combina uma estrutura relativamente estável de imagem (fotos, gifs, vídeo) e texto (frases e ideias), cujo estilo, determinado pelo propósito comunicativo (recursos linguísticos) do público-alvo, utiliza uma temática que está

na ordem do dia. Importa assinalar, dentro desse processo comunicativo, o circuito de produção, circulação e recepção numa perspectiva interativa entre dois ou mais interlocutores: “O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica” (Bakhtin, 2000, p. 320).

Para Patrick Charaudeau, a linguagem é o meio de representação do pensamento e da sociabilidade humana. Na obra *Linguagem e discurso: modos de organização* (2008), o ato de linguagem é constituído pela troca interativa da fala enquanto ato significadores do mundo. Esse processo se define por uma situação de comunicação entre o Eu comunicante e o Tu sujeito interpretante: “todo ato de linguagem é o produto da ação de seres psicossociais que são testemunhas, mais ou menos conscientes, das práticas sociais e das representações imaginárias da comunidade a qual pertencem” (Charaudeau, 2008, p. 34-35). No processo de semiotização do mundo, sob restrições situacionais da comunicação, a significação do mundo depende do processo de transformação e transação. Em linhas gerais, a transformação e a transação da semiose referem-se ao processo pelo qual o sujeito falante transforma o “mundo a significar” em um “mundo significado” por meio de operações específicas. A transformação envolve a passagem de uma referência externa à língua para o real construído pelo discurso, enquanto a transação se refere ao movimento de sentido entre os interlocutores, no qual o sentido é negociado e construído pela interação.

No âmbito da instância política, Charaudeau (2008) aponta para um contrato de comunicação em que se associa uma instância de poder (imagem de credibilidade e captura da opinião pública por contágio emocional), uma instância cidadã (como contrapoder), uma instância adversária e uma instância midiática. Ou seja, a cena política caracteriza-se por um exercício de poder em que as estratégias discursivas de legitimação utilizadas pelo sujeito político pressupõe um jogo entre as táticas de construção de imagens de si mesmo, de forma a se tornar credí-

vel diante da instância cidadã (éthos de credibilidade) e atrativo (éthos de identificação). O jogo mobiliza os efeitos *pathêmicos*, já que, pela identificação, se busca tocar o afeto do cidadão. A encenação em que os sujeitos, dialogicamente, constroem-se e são construídos pela linguagem resulta da identificação em suas semelhanças e diferenças na troca. A utilização de estratégias comunicativas para garantir a adesão do enunciatário estruturou-se na cisão político-ideológica em que a extrema direita conferiu ao seu opositor traços identitários negativos, ao mesmo tempo em que se construía para si uma imagem positiva, de modo a promover os efeitos *pathêmicos* de pertencimento dos grupos.

No âmbito do discurso político e midiático, a questão do reconhecimento de traços identitários e diferenciais é fundamental para se criar a ideia de um conjunto de valores comuns com o intuito de fomentar uma “opinião média”. Para melhor compreender o comportamento dos grupos políticos no processo de adesão/rejeição às ideias circulantes, convém destacar os principais traços que definem os discursos políticos de direita e esquerda, os quais são compreendidos por Charaudeau (2008) como demagógicos e meros sistemas de crença. No polo esquerdo: o homem se impõe à natureza; tem-se a igualdade como valor único; impõe-se por meio de um contrapoder (ação revolucionária) a uma autoridade de origem divina ou profana; define-se pelo antirracismo, pela laicidade, abertura ao pluralismo e à diversidade. No polo direito: a natureza se impõe ao homem em seus valores hierárquicos; a desigualdade é fruto de relações de força naturais entre os indivíduos, as quais derivam da dominação entre fortes e fracos; exalta-se: a família, o trabalho e a pátria. Esta última constitui-se como fundadora da identidade e por ela se justifica a guerra de defesa contra a ameaça externa. Como forma de pensamento, em geral, preconiza o autoritarismo, a ordem e os interesses privados. São essas matrizes ideológicas que são exploradas, mobilizadas e manipuladas na relação comunicativa.

Nesta perspectiva, elege-se como gênero de discurso digital memes políticos, utilizados e compartilhados por grupos de direita, cuja retórica

verbo-visual se alinha à encenação do páthos do discurso populista definido em três pilares: o discurso da vitimização em que se constrói um bode expiatório responsável pelas forças do mal; o discurso de satanização dos culpados e o discurso salvacionista, em que o messias, glorificando a tradição e o passado, defende a pureza dos valores.

Vejam os como esses traços identitários ideológicos estão implicados na produção dos memes da extrema direita. São memes persuasivos que enfatizam a construção mítica da imagem pública do candidato Jair Messias Bolsonaro na campanha eleitoral de 2022 em oposição ao inimigo detratado e rebaixado.

Pessoas e grupos compartilham ressonâncias sob a insígnia de uma força política espiritual organizada por discursos que orbitam em torno de equivalências que vão se ligando: a meritocracia, a ideia de ganhar muito dinheiro, famílias heterossexuais e armadas. Isso se realiza no nível representacional dos afetos, hábitos, memórias, experiências e estilos. Essa política de ressonância tem sido impulsionada pela nova mídia.

Figura 1 - Associação aos templários



Figura 2 - Associação à vitória nas cruzadas



Figura 3 - Herói protege contra o inimigo: socialismo



Figura 4 - Polarização política estruturada no imaginário cristão bem X mal



Os enunciados das figuras 1 e 2 apresentam uma temática de luta e guerra sob um invólucro mítico de missão a ser cumprida. Os elementos composicionais imagéticos apresentam uma cadeia equivalente de signos que vão se ligando: o cavalo, a bandeira do império do Brasil, Bolsonaro em trajes de templário com a cruz vermelha e a armadura. Na figura 1, a autoridade religiosa em plano superior, representado pelo conservador e ex-militar político Enéas Carneiro, estende a mão direita num gesto de envio e proteção. A mão esquerda porta um crucifixo. As cores do verde e amarelo ressaltam o símbolo da bandeira e do patriotismo. Abaixo, em grafia verde, a convocação patriótica: “Bom dia soldados! Dispostos a lutar?” A legenda evoca a organização dos templários marcada por forte hierarquia, cujos membros estão associados aos soldados de Cristo (*militēs Christi*), que deviam lutar a serviço de Deus e da Igreja. Na figura 2, o personagem Bolsonaro, trajado como templário, porta um cetro. Em letras brancas, lê-se outra convocação: “Fomos vitoriosos nas eleições, mas agora é que começa a verdadeira luta!” A retórica verbo-visual evoca um fundo religioso de uma obra guerreira que atualiza a dicotomia bem e mal, sagrado e profano.

Essas imagens estabelecem ressonâncias dialógicas com a produção de discursos do medievo e remetem à Ordem dos Cavaleiros Templários, cuja organização de cunho militar-religiosa tinha como missão proteger os cristãos. Dessa associação, resulta a relação do mito e do político como forma de conquistar o eleitorado sob a insígnia de uma força espiritual do bem. Os discursos atualizados na figura de Bolsonaro a partir do contexto

do medievo transmitem ao seu eleitorado valores ideológicos cristãos, patrióticos, de luta, sob a insígnia da arma, do bem contra o mal. A mensagem de vínculo fomenta nos usuários o imaginário-mítico de uma nação elevada pela moral política e cristã. O contágio emocional da comunicação, como instrui Charaudeau, realiza-se pelo efeito *pathêmico* de identificação associativa. Principalmente, num momento de crise, forja-se um líder carismático e salvador, que promete eliminar o mal e restaurar a confiança nacional. No contexto do populismo digital, a velocidade de compartilhamento da mensagem faz do meme e de sua viralização uma tática altamente persuasiva para a construção da imagem política de Bolsonaro como forma mítico-espiritual acima das instituições civis. A lógica antagônica do bem contra o mal são referências importantes para a formação dos mitos, pois a estratégia discursiva associa símbolos de polarização entre o par salvador/vítima e inimigo/malignidade. Os grafismos dos memes 3 e 4 representam bem o inimigo a combater.

A figura 3 circulou em diferentes versões desde 2016 e foi amplamente compartilhada em grupos de WhatsApp no processo eleitoral de 2022, sob o falso registro de que a imagem teria sido publicada na revista *Time*. Nesse meme, vê-se um Bolsonaro ferido, de joelhos sob uma poça de sangue, trajado de farda militar e sendo atingido por um conjunto de armas sob a grafia “socialismo”. Abaixo, em linhas de desenho trivial, uma criança dorme inocentemente na cama representando a nação brasileira. A imagem cria a figura do mártir injustiçado e ferido pelo mal, o qual está representado pela grafia do socialismo, enquanto o povo dorme. Nas figuras, há uma equivalência apelativa entre, de um lado, líder ferido e povo, e do outro, a ameaça do inimigo. Essa retórica evidencia a ideologia do populismo digital por meio dos algoritmos emocionais mobilizadores.

A figura 4, claramente, estabelece uma ressonância dialógica com o imaginário mítico-religioso cristão. De uma forma trivial, sob a grafia verbal: “Escolha seu lado!”, a retórica visual mostra, do lado esquerdo, o candidato Lula, do Partido dos Trabalhadores, ao lado do diabo representando a ameaça da malignidade. No canto abaixo do lado esquerdo,

encontra-se a foice e o martelo em vermelho, o símbolo do comunismo. Já do lado direito, Bolsonaro figura ao lado de Cristo sendo seguido por uma multidão de guerreiros, que portam a bandeira do Brasil. No canto da direita, vê-se a grafia visual da bandeira nacional.

O antagonismo político-ideológico projeta uma imagem de sacralização do mito numa constante luta entre o “bem” e o “mal”. A representação de Bolsonaro projeta-se dentro de um heroísmo em que os valores de honestidade, bravura, virilidade e benignidade são convocados a limpar moralmente a nação da imundície, do caos e da corrupção feitas por seu adversário político. O líder populista mobiliza o povo com apelos estéticos, morais e emocionais, reforçando o algoritmo binário do positivo e do negativo. Para Charaudeau (2016, p. 107), o discurso populista constrói-se enfatizando o excesso:

[...] a desordem social é exacerbada com a ajuda de um discurso de vitimização que descreve as forças do mal e constrói um bode expiatório; os responsáveis tornam-se culpados com a ajuda de um discurso de satanização que os torna adversários a serem eliminados; quanto aos valores são defendidos de forma paroxística, glorificando a tradição, o passado e a pureza das identidades, e seu defensor se apresenta como um salvador perfeitamente justo, até mesmo como um messias.

De fato, a mecânica discursiva de convencimento projeta uma imagem pública capaz de construir uma opinião pública favorável ao personagem/locutor Jair Bolsonaro, uma vez que a estratégia de comunicação explora valores, cujo sistema ideológico de pensamento faz ecoar imaginários sociais ligados a temas mítico-religiosos. Trata-se de uma visão do mundo em que a lei natural ou transcendental se torna o símbolo da nação a ser construída. Nesse sentido, pode-se afirmar que o discurso político da ultradireita, por meio dos memes analisados, construiu-se sob o uso do sintagma imaginário social, em que as representações coletivas orientaram-se pela crença mítica de valores religiosos como salvador/líder, povo/vítima e inimigo a ser combatido. A organização deste discurso político orbita por filtros axiológicos que vão se ligando por equivalência: a defesa

da tradição, da família, da pátria, da meritocracia e do cidadão do bem armado contra a ameaça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão do gênero memético, utilizado pelo partido ideológico de ultradireita, identificamos, no ambiente digital, uma organização discursiva populista baseada num imaginário social em que aspectos míticos-religiosos são mobilizados para estabilizar o sistema de crença líder-povo-vítima contra o inimigo ameaçador. Trata-se de um contrato de comunicação que reduz a complexidade discursiva para apoiar-se numa fórmula redutora e binária como percepção dos saberes do mundo. Para Charaudeau, o sujeito falante propõe ao mundo explicações dos objetos a partir de discursos narrativos e argumentativos conforme os saberes representacionais de um grupo. Esses saberes que atravessam os discursos sobre o mundo são constituídos, como ressalta o autor, a partir da retórica de Aristóteles, (Charaudeau, 2008), por *Logos* (proposta argumentativa), *Ethos* (imagem transmitida por quem fala/orador) e *Pathos* (persuasão pelas paixões sentimento e emoção).

Entendemos que o enunciador, mobilizando estratégias de identificação e credibilidade, projetou um *Ethos* sob a base mítica de uma força política espiritual do bem captada no imaginário sociodiscursivo marcado por saberes da cultura ou do inconsciente coletivo. Para tanto, o sujeito enunciador, o discurso bolsonarista, utilizou principalmente os efeitos *pathêmicos* positivos para engajar a opinião e detratar a instância adversária traduzindo-a como mal ameaçador.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN. B. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso** – verdade política na era digital. São Paulo, Editora Ubu, 2022.

CESARINO, Letícia. **Como vencer uma eleição sem sair de casa**: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, 1 (1), 91-120, 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. Tradução: Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 1a ed., 1a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o aprender a aprender**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

GIRARDET, R. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1987.

KNOBEL, M; LANKSHEAR, C. Memes on-line, afinidades e produção cultural (2007-2018). In: CHAGAS, Viktor (org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno digital**. Salvador: EDUFBA, 2020.

LARA, M. T. A. **A presença de memes em práticas de ensino/aprendizagem de língua portuguesa**: relações entre humor e ensino de língua materna em cursinhos pré-vestibulares 172f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara - SP, 2018.

MARTINS, Dalton Lopes. As práticas da cultura digital. In: **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, Sesc, São Paulo, n. 7, p. 51-60, nov. 2018. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/700_REVISTA+DO+CENTRO+DE+PES+QUISA+E+FORMACAO+N07+ISSN+24482773>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MORAES, Francine; MENDES, Gustavo; LUCARELLI, Talita. Memes na internet: a web 2.0 como espaço fecundo para propagação. *In: Anais Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 34., Recife, 2011.

OLIVEIRA, K. E., PORTO, C., and SANTOS, E., eds. **Memes e educação na cibercultura** [online]. Ilhéus: EDITUS, 2022.

PALMA FILHO, J. C. Cidadania e educação. *In: Cadernos de Pesquisa*, n. 104, 101-121, jul. 1998.